

## editorial

### Política de ciência em Portugal



> António Fidalgo

Que ciência se quer para Portugal? A questão é tanto mais pertinente quanto é intenção governamental aumentar substancialmente as verbas destinadas à ciência, procurando atingir um objectivo antigo (pelo menos desde os governos de Cavaco Silva) de dedicar um 1% do PIB ao sector de I&D até ao fim desta legislatura. Para o ano de 2007 o Primeiro-Ministro Sócrates acaba de anunciar um aumento considerável de 250 milhões de euros destinados às áreas de Ciência e Tecnologia.

Há certamente os que pensam que a pergunta não faz sentido, que não se pode mesmo perguntar "que ciência", porque para eles há apenas uma ciência. Essa ciência é a que se pratica e faz nas prestigiadas universidades americanas com que o governo português celebrou recentemente acordos de cooperação. O objectivo é então aumentar a internacionalização da ciência portuguesa, melhorar o lugar de Portugal nos diferentes rankings que medem internacionalmente a produção científica (patentes, publicações, citações). O seu ideal seria mesmo a integração da comunidade científica nacional, com os nossos académicos publicando de preferência em inglês nas mais conceituadas revistas internacionais.

Uma visão destas, a de uma só ciência, que se expressa hoje quase exclusivamente em inglês, é a que guia a actuação do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior. É uma visão onde os conceitos de soberania científica, de primado do vernáculo, fazem pouco sentido.

Contudo a ciência é obra humana e, como tal, tem uma história. É um tipo de conhecimento entre outros, e não o único. Ora é esta relativização ou contextualização que mostra que o conhecimento científico é de cariz muito diverso, que há ciências e ciências, e que a pergunta sobre "que ciência" faz todo o sentido. Em quinhentos os académicos e cientistas portugueses publicavam na língua franca da época, o latim, e estavam entre os melhores dos seus tempos. Eram à altura os mais internacionais. Leibniz refere-se à excelência dos conimbricenses. No entanto, o que se seguiu foi o despontar de um novo paradigma científico por essa Europa fora, em que as línguas vernáculas se sobrepuseram ao latim. A excelência científica portuguesa de então foi um triunfo de Pirro, esgotou-se e definiu.

Apregoa-se em Portugal uma visão de ciência como causa e meio de progresso e de competitividade. Será que os nossos políticos alguma vez pensaram que a ciência é muito mais o resultado e uma consequência do que uma causa e um meio? Recomenda-se-lhes a leitura de Ortega e Gasset. Mas se não tiverem tempo para ler, pensem que a actual predominância científica americana é o resultado de um poderio económico anterior. Até à Segunda Guerra Mundial o relevo científico dos Estados Unidos era mínimo comparado com o da Europa, mas já desde o início do Século XX eram a potência que marcou os destinos do Velho Continente e do mundo, determinando a vitória nos grandes conflitos. Se país houve que mais tivesse investido e jogado na ciência como instrumento de poderio foi a União Soviética. Os melhores cientistas não impediram porém o seu colapso. E foram os primeiros no espaço; e desenvolveram dos melhores mísseis e das bombas mais terríveis.

Precisamos de uma política científica em Portugal, sim. Porque sem ela os cientistas que formarmos emigrarão para outros países com melhores condições económicas e sociais. Precisamos de uma política científica que aposte forte no mundo lusófono, sobretudo no tremendo potencial demográfico do Brasil. Bastaria trazer uma pequena fracção de estudantes brasileiros, que lutam por uma das poucas vagas no seu sistema universitário, para resolvermos o problema das milhares e milhares de vagas que ficam por preencher no ensino superior em Portugal. Precisamos de uma política científica que obrigue toda a investigação financiada pela FCT a ficar disponível online para consulta pelas comunidades lusófonas de África e da América, e de preferência em português já que o inglês no Brasil está muito menos difundido que em Portugal.

Que ciência queremos então para Portugal? Uma ciência que não seja uma cursal do MIT, mas o resultado de uma população bem preparada nos ensinos básico, secundário e superior; uma ciência que viva do valor dado ao conhecimento em si. Nada pior do que cientistas a escreverem papers em "cienciinglês", ao jeito do *airport english*, que nunca leram os clássicos da língua portuguesa e que são incapazes de escrever uma página em bom português. Se não houver uma cultura de base, se a educação em Portugal não apostar em primeiro lugar numa formação humana e cultural, então estaremos a construir um sistema científico na areia.

### Colóquio de Medicina

As contas da Saúde foram passadas a pente fino no dia 4 de Março, no Centro Hospitalar da Cova da Beira. Um colóquio organizado pelos alunos do 5º ano de Medicina trouxe à Covilhã Pedro Barros, catedrático da Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa. O docente e investigador veio falar sobre o financiamento dos hospitais portugueses e a gestão de saúde das populações. Uma área em que "as coisas estão com diagnóstico muito reservado". No entender deste docente, em Portugal, "não existe uma verdadeira ligação entre centros de saúde e hospitais". Ainda hoje, estas estruturas, "que deveriam ser parceiras, funcionam quase que de costas voltadas uma para a outra".

Como um dos principais estudiosos do actual sistema de saúde, Pedro Barros sublinha ainda o papel do médico. "Os profissionais de saúde não têm, na grande parte das vezes, conhecimento dos custos das suas decisões". O docente começou por abordar este tema com alguma cautela, "uma vez que os médicos e os

restantes profissionais da área podem julgar que devemos poupar tratamentos aos doentes". Segundo Barros, não se trata dessa questão, mas sim, "de mostrar que existem certos procedimentos que não têm qualquer efeito sobre o paciente e que se traduzem em elevados custos para o SNS".

As medidas que este catedrático lança para mudar o sistema passam por "criar sistemas de gestão adaptados aos diferentes hospitais". Uma medida que se junta também "ao maior entrosamento dos profissionais de saúde na gestão das unidades hospitalares".

Inês Rosa, aluna finalista do curso de Medicina da UBI e uma das organizadoras do encontro destaca o tema do mesmo "e o muito que se aprende neste tipo de actividades". Como futura profissional de Saúde, esta aluna refere que "os médicos devem, acima de tudo, preocupar-se com os seus pacientes, mas consciencializarem-se dos seus actos". A temática serviu "para uma melhor preparação pessoal e profissional" e os alunos garantem que é uma iniciativa a repetir.

### Filosofar desde criança

A palestra era dirigida a professores do ensino básico e secundário que se deslocaram até à UBI para reflectir sobre a importância da filosofia no ensino. A oradora da acção de formação enunciou a sua tese através da explicação de vários estudos que se realizaram nos Estados Unidos, e que demonstram como a filosofia permite às crianças desenvolver pensamentos criativos, "uma pessoa que não faz ginástica do pensamento não pode pensar de forma autónoma" salienta Dina Mendonça. Para esta investigadora os professores devem levantar desde a infância questões filosóficas, de forma a lembrar "um espaço diferente para a educação, um espaço onde é possível fazer perguntas, discordar, ouvir e vocalizar o nosso pensamento".

A falta de interesse que muitos jovens demonstram pelo estudo da filosofia é apontado pela investigadora como uma falha do ensino, que deveria incluir "uma continuidade do pensamento filosófico desde o pré-escolar ao ensino

superior". A aprendizagem da filosofia nas licenciaturas foi outro ponto que Dina Mendonça levantou durante a sua apresentação, observando que todos os cursos deveriam ter pelo menos uma cadeira relacionada com a filosofia. "Não se compreende como é que, por exemplo, um futuro médico não tem conhecimentos de ética", sublinhou a oradora.

Esta acção de formação insere-se no panorama de um conjunto de iniciativas direccionadas para os docentes. O coordenador do Sindicato de Professores da Zona Centro, Carlos Cardoso, realça a importância da filosofia pelo "estímulo que provoca nos pensamentos de uma criança". Para o responsável, o principal objectivo desta acção de formação foi o demonstrar o papel da filosofia na educação: "devemos dar a conhecer aos professores a relevância da filosofia". Mais do que pensar em questões de índole filosófica a palestra enunciou as vantagens de fazer do pensamento um exercício do quotidiano.

### Pré-candidaturas online

O Departamento de Gestão e Economia (DGE) promove a partir deste ano um processo de pré-candidaturas on-line aos diversos programas de pós-graduação do Departamento, disponível em [www.dge.ubi.pt](http://www.dge.ubi.pt). O departamento pretende "avaliar previamente as necessidades do mercado de trabalho e dos poten-

ciais candidatos", refere Tiago Sequeira, presidente do DGE. A pré-candidatura faz-se através do preenchimento do formulário disponível on-line em que o candidato selecciona o programa a que se pretende candidatar e insere os seus dados que são directamente encaminhados para o director da pós-graduação respectiva.

## breves

### Docente da UBI edita livro

Foi lançado, no passado dia 9 de Março, o mais recente livro da autoria de Tesselente Devezas, docente do Departamento de Electromecânica da UBI. A publicação que dá pelo nome de "Kontratiff Waves, Warefare and World Security", é apresentada pela editora holandesa IOS Press, sendo o 5º volume da colecção "The NATO Programme for Security through Science".

Esta obra é o resultado dos trabalhos apresentados em Fevereiro do ano passado, na UBI, na Advanced Research Workshop (ARW), no âmbito do programa da NATO "Security Related Civil Science and Technology", onde estiveram presentes mais de 40 cientistas das áreas de economia, ciências políticas e sociais, física, teoria de sistemas e simulação computacional.

Ao longo do livro é apresentado um conjunto de contribuições com novas perspectivas sobre os longos ciclos económicos e sobre conflitos armados e aspectos modernos de instabilidade geopolítica ligados ao terrorismo e à globalização, permitindo assim antever cenários futuros, agindo por antecipação e garantir a estabilidade mundial.

### Pastubi

À semelhança de anos anteriores, a Pastoral Universitária da UBI mobilizou os católicos estudantes da instituição. Da capela de S. Martinho até à igreja de S. Tiago, cerca de duzentas pessoas associaram-se à Via-sacra organizada pela Pastubi. A iniciativa decorreu na noite de 16 de Março e contou com a participação de diversos grupos de jovens e movimentos da cidade, bem como da comunidade civil. Esta é uma das actividades que, todos os anos, a Pastoral Universitária da Universidade da Beira Interior proporciona durante a Quaresma.

### Parkurbis

"Covilhã, Cidade Inovação" é um evento que a autarquia covilhanense vai promover, entre os dias 3 e 7 de Abril, no Parkurbis - Parque de Ciência e Tecnologia. A iniciativa pretende reunir diversas entidades, entre as quais se destacam a Associação Nacional de Jovens Empresários, a Agência Portuguesa para o Investimento e a Associação Portuguesa de Parques Tecnológicos. O programa conta com várias sessões dedicadas à tecnologia e ao empreendedorismo.